

The background of the cover is a photograph of a library. It shows rows of bookshelves filled with books, with a warm, golden light from several hanging Edison-style light bulbs illuminating the scene. The shelves are slightly out of focus, creating a sense of depth.

Biblioteconomia e os **Ambientes** de Informação 2

Guilhermina de Melo Terra
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Guilhermina de Melo Terra
(Organizadora)

Biblioteconomia e os Ambientes de Informação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora

Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B582	Biblioteconomia e os ambientes de informação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Guilhermina de Melo Terra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Biblioteconomia e os Ambientes de Informação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-342-2 DOI 10.22533/at.ed.422192205 1. Arquivologia. 2. Biblioteconomia – Pesquisa – Brasil. 3. Ciência da informação. I. Terra, Guilhermina de Melo. II. Série. CDD 020.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Biblioteconomia e os Ambientes da Informação”, editada pela Atena Editora compreender uma série, constituída por dois volumes, cujas temáticas encontram-se ligadas à área da Ciência da Informação. Esta área, compreende um campo interdisciplinar, voltado para o processo de “[...] análise, coleta, classificação, manipulação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação” (SILVA, 2015, p.1).

Nesta perspectiva, os capítulos que compõem este Volume 2, de forma benéfica, tratam acerca da aplicabilidade da informação, em diversos suportes, junto às organizações, de modo a melhor cumprirem sua missão organizacional, uma vez que os artigos versam sobre a gestão de bibliotecas, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos espaços informacionais, sobre a estrutura e operações dos repositórios institucionais, sobre a aplicabilidade de estudos bibliométricos, bem como sobre os acervos e práticas estabelecidas pelas organizações arquivistas, definidas aqui como ambientes informacionais.

No que se refere ao **Eixo “Gestão da Biblioteca”**, este volume apresenta os seis primeiros capítulos da obra, assim distribuídos: o primeiro capítulo, intitulado “A administração discursiva das bibliotecas orientadas para o desenvolvimento sustentável” trata acerca do fazer ético, junto à administração das bibliotecas, enquanto organizações complexas. O segundo capítulo, denominado “A atuação da assessoria à Rede de Bibliotecas no Sistema FIRJAN: gestão, incentivo à inovação e criatividade” apresenta o trabalho da assessoria, junto à Rede de Bibliotecas do Sistema FIRJAN. Intitulado “A consolidação da rede de bibliotecas da educação adventista”, o terceiro capítulo aborda sobre o processo de criação do sistema de bibliotecas que compõem a Rede da Educação Adventista, a qual integra 166 bibliotecas do Brasil. O capítulo quatro, “A necessidade do uso do descarte no acervo da Biblioteca Profº Carlos Alberto Barbosa – IFRJ – Campus Nilópolis”, destaca a importância da política de descarte para o funcionamento da biblioteca do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis. Definido “Biblioteca de História das Ciências e da Saúde na preservação da memória: proposta metodológica de transferência de acervo bibliográfico”, o quinto capítulo apresenta os procedimentos adotados pelos profissionais da biblioteca, de modo a não danificar o acervo durante a transferência do acervo do prédio antigo para o prédio atual. Fechando este primeiro eixo, temos o capítulo sexto, “O uso do modelo SECI em bibliotecas como guia para suporte à gestão do conhecimento”, o qual aborda a importância do Modelo SECI para o processo de gestão do conhecimento e funcionamento da biblioteca.

O **Eixo “Tecnologia da Informação e Comunicação”** é constituído por cinco capítulos. Definido como capítulo sete, o artigo “Comunicação da ciência na era da internet: visibilidade e internacionalização”, apresenta o contributo das tecnologias digitais na evolução da comunicação científica em ambientes de ensino e pesquisa.

O oitavo capítulo, “Cortando gastos em tempo de crise: a biometria substituindo o cartão de usuário”, apresenta as vantagens da implantação do cadastro biométrico dos usuários da Biblioteca Central Julieta Carteadó, junto ao atendimento dos usuários. Intitulado “Digitalização e publicação *online* da Revista Leprosy Review de 1928-2001: relato de experiência”, o nono capítulo visa discutir acerca do processo de digitalização da revista em tela no meio eletrônico. O décimo capítulo é definido como “Ideologia e utopia dos discursos na Wikipédia” e visa apresentar o estudo feito acerca do uso da Wikipédia como ferramenta da busca. Por fim, o décimo primeiro capítulo, denominado “Preservação da informação digital” pretende analisar os avanços proporcionados pelo uso dos recursos computacionais aplicados à conservação e preservação da informação digital.

Para compor o **Eixo “Repositórios Institucionais”**, o capítulo décimo segundo, definido como “A Biblioteca Marechal Rondon e seus acervos digitais”, trata do repositório da biblioteca Marechal Rondon, o qual é constituído por um rico acervo sobre a temática indígena brasileira, enquanto que o décimo terceiro capítulo, definido como “Repositórios institucionais: promovendo o alcance dos objetivos da agenda 2030 da ONU” apresenta os repositórios institucionais como ferramentas utilizadas para o alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável exposto pela IFLA, o qual toma por base a agenda 2030 da ONU.

Os capítulos décimo quarto e décimo quinto temos os artigos que tratam do **Eixo “Bibliometria”**. Assim, o décimo quarto capítulo, “Estudo bibliométrico do acervo Raimundo Jinkings, integrante do Memorial do Livro Moronguêta da UFPA” objetiva apresentar os resultados da análise bibliométrica do acervo que pertenceu a Raimundo Jinkings. Intitulado “Qualidade, produtividade e estratégias de operações: uma revisão bibliométrica”, o capítulo décimo quinto, apresenta uma revisão bibliométrica sobre qualidade, processos e estratégias de operações para garantir maior vantagem competitiva, a partir do crescimento econômico e financeiro de uma organização.

Fechando este Volume 1, o **Eixo “Organizações Informacionais”** é formado por artigos que apresentam as organizações arquivísticas como objeto de estudo. Posto isto, o capítulo décimo sexto, “A fotografia nos arquivos: um breve estudo sobre a necessidade de uma gestão documental”, versa sobre a legitimação da fotografia, enquanto documento arquivístico, a partir de um estudo sobre materiais fotográficos em arquivos. O capítulo décimo sétimo, “A memória é refletida em um acervo ou um acervo reflete a memória?”, resgata a memória e a história, a partir do arquivo pessoal de Santos Dumont. Definido como “Análise da aplicabilidade do princípio da proveniência associado à representação da informação arquivística no acervo intermediário do IFPB – Campus João Pessoa”, o décimo oitavo capítulo aborda as contribuições do uso correto do princípio da proveniência, junto ao acervo intermediário do Arquivo Central do IFPB – Campus João Pessoa. O capítulo décimo nono é intitulado “Inovação na gestão de documentos: a proposta de implantação da tipologia documental no âmbito dos recursos humanos da Fundação Oswaldo Cruz”, visa apresentar os resultados da

gestão documental aplicado, junto ao arquivo da Fundação Oswaldo Cruz. Com o título “Notas sobre o patrimônio de ciência e tecnologia em registros fotográficos: o acervo da UFPE, a Ciência e os Cientistas”, o vigésimo capítulo visa abordar as reflexões acerca do patrimônio de ciência e tecnologia, contido no acervo fotográfico da UFPE. Em relação ao vigésimo primeiro capítulo, denominado “O acervo do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande: relato de experiência”, objetiva tratar sobre o procedimento referente ao diagnóstico e tratamento arquivístico junto ao acervo do extinto Departamento de Oceanografia e da Universidade Federal do Rio Grande. O vigésimo segundo capítulo, “Por um acervo digital de partituras de música brasileira”, discute meios de integração e ampliação dos arquivos de partituras de música brasileira, a fim de ampliar sua visibilidade e acesso. Já o capítulo vigésimo terceiro, denominado “Proposta para a criação de um vocabulário controlado a partir do Sistema de Informações do Arquivo Nacional do Brasil (SIAN)”, propõe a criação de um vocabulário controlado, tomando por base o SIAN, a fim de contribuir com a atividade de descrição, a ser desenvolvida pelo profissional arquivista.

Como se pode notar, este segundo volume encontra-se recheado de reflexões capazes de contribuir para uma sólida discussão acerca da prática biblioteconômica e arquivística. Por esta razão, em nome da Atena Editora, ao mesmo tempo em que agradecemos aos autores pela contribuição, desejamos aos leitores uma excelente leitura.

Guilhermina de Melo Terra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ADMINISTRAÇÃO DISCURSIVA DAS BIBLIOTECAS ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Clóvis Ricardo Montenegro de Lima Fátima Santana da Silva José Rodolfo Tenório Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4221922051	
CAPÍTULO 2	18
A ATUAÇÃO DA ASSESSORIA À REDE DE BIBLIOTECAS DO SISTEMA FIRJAN: GESTÃO, INCENTIVO A INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE	
Bernardo José de Oliveira Palma Daisy Margareth Alcáçova de Sá Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.4221922052	
CAPÍTULO 3	29
A CONSOLIDAÇÃO DA REDE DE BIBLIOTECAS DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA	
Liliane Giusti Serra Raquel Pinto Correia Gisele Tosi de Santa Clara	
DOI 10.22533/at.ed.4221922053	
CAPÍTULO 4	35
A NECESSIDADE DO USO DO DESCARTE NO ACERVO DA BIBLIOTECA PROFº CARLOS ALBERTO BARBOSA – IFRJ – CAMPUS NILÓPOLIS	
Cássia Rosania Nogueira dos Santos Cintia Luciano de Paiva Josiane Borges Pacheco Heloisa Souto de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4221922054	
CAPÍTULO 5	45
BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA: PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRANSFERÊNCIA DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO.	
Eliane Monteiro de Santana Dias Jeorgina Gentil Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4221922055	
CAPÍTULO 6	52
O USO DO MODELO SECI EM BIBLIOTECAS COMO GUIA PARA SUPORTE A GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Gil Eduardo Amorim Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.4221922056	
CAPÍTULO 7	59
COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA NA ERA DA INTERNET: VISIBILIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO	
Raimunda Ribeiro Lídia Oliveira Cassia Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.4221922057	

CAPÍTULO 8	75
CORTANDO GASTOS EM TEMPO DE CRISE: A BIOMETRIA SUBSTITUINDO O CARTÃO DE USUÁRIO	
Rejane Maria Rosa Ribeiro Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira Isabel Cristina Nascimento Santana Solange dos Santos Rocha Ana Martha Machado Sampaio Gerusa Maria Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4221922058	
CAPÍTULO 9	80
DIGITALIZAÇÃO E PUBLICAÇÃO ONLINE DA REVISTA LEPROSY REVIEW DE 1928-2001 – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Andrea Cristina Bogado Alessandra Carriel Vieira Juliana Lourenço Sousa Marcos da Cunha Lopes Virmond	
DOI 10.22533/at.ed.4221922059	
CAPÍTULO 10	91
IDEOLOGIA E UTOPIA DO DISCURSO NA WIKIPÉDIA	
Marcio Gonçalves Elaine Vidal Fabiana Crispino	
DOI 10.22533/at.ed.42219220510	
CAPÍTULO 11	103
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO DIGITAL	
Francisco Carlos Paletta Luara Martins Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.42219220511	
CAPÍTULO 12	118
A BIBLIOTECA MARECHAL RONDON E SEUS ACERVOS DIGITAIS	
Rodrigo Piquet Saboia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.42219220512	
CAPÍTULO 13	127
REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: PROMOVENDO O ALCANCE DOS OBJETIVOS DA AGENDA 2030 DA ONU	
Layde Dayelle dos Santos Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.42219220513	
CAPÍTULO 14	132
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DO ACERVO RAIMUNDO JINKINGS, INTEGRANTE DO MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ DA UFPA	
Elisangela Silva da Costa Suelene Santana Assunção	
DOI 10.22533/at.ed.42219220514	

CAPÍTULO 15 139

QUALIDADE, PRODUTIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE OPERAÇÕES: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA

Raissa Cristina Pereira
Renata Alessandra Evangelista
Lucas Augusto de Carvalho Ribeiro
Liliane Guimarães Rabelo
Jackeliny Dias da Silva
Vanessa Bitencourth dos Santos
Lucas Chagas Gomes
Aline Mirian da Silva
Luan Aparecido Oloco de Oliveira
Ingride Chagas Gomes
Marcos Alves Gomes
Serigne Ababacar Cissé Ba

DOI 10.22533/at.ed.42219220515

CAPÍTULO 16 149

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS:UM BREVE ESTUDO SOBRE A NECESSIDADE DE UMA GESTÃO DOCUMENTAL

Luciene de Castro Braga
Alessandro Ferreira Costa

DOI 10.22533/at.ed.42219220516

CAPÍTULO 17 160

A MEMÓRIA É REFLETIDA EM UM ACERVO OU UM ACERVO REFLETE A MEMÓRIA?A QUESTÃO DA MEMÓRIA NO ARQUIVO PESSOAL DE SANTOS DUMONT

Bárbara Cristina Barbosa Pinto da Silva

DOI 10.22533/at.ed.42219220517

CAPÍTULO 18 168

ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA ASSOCIADO À REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NO ACERVO INTERMEDIÁRIO DO IFPB - CAMPUS JOÃO PESSOA

Gregório Goldman dos Santos Felipe
Anna Carla Silva de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.42219220518

CAPÍTULO 19 180

INOVAÇÃO NA GESTÃO DE DOCUMENTOS: A PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL NO ÂMBITO DOS RECURSOS HUMANOS DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Lucina Ferreira Matos
Juliana Christina do Carmo Silva

DOI 10.22533/at.ed.42219220519

CAPÍTULO 20 199

NOTAS SOBRE O PATRIMÔNIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM REGISTROS FOTOGRÁFICOS: O ACERVO DA UFPE, A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS

Emanuela Sousa Ribeiro
Ana Cláudia de Araújo Santos

DOI 10.22533/at.ed.42219220520

CAPÍTULO 21	219
O ACERVO DO DEPARTAMENTO DE OCEANOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Maria de Fátima Correa	
Evelin Mintegui	
DOI 10.22533/at.ed.42219220521	
CAPÍTULO 22	231
POR UM ACERVO DIGITAL DE PARTITURAS DE MÚSICA BRASILEIRA	
Rosana S. G. Lanzelotte	
DOI 10.22533/at.ed.42219220522	
CAPÍTULO 23	242
PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO CONTROLADO A PARTIR DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL DO BRASIL (SIAN)	
Mariane Costa Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.42219220523	
SOBRE A ORGANIZADORA	253

A BIBLIOTECA MARECHAL RONDON E SEUS ACERVOS DIGITAIS

Rodrigo Piquet Saboia de Mello

Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) do
Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente trabalho abordará alguns aspectos do repositório que detém uma das maiores coleções bibliográficas sobre os povos indígenas brasileiros: a Biblioteca Marechal Rondon, localizada no Museu do Índio/FUNAI. Nos últimos tempos, a instituição tem realizado esforços para uma maior disponibilização dos seus acervos em meio virtual. Um dos projetos realizados recentemente foi a criação da Biblioteca Virtual Marechal Rondon.

PALAVRAS-CHAVE: Museu do Índio, Biblioteca Marechal Rondon, Indigenismo.

THE MARECHAL RONDON LIBRARY AND ITS DIGITAL COLLECTIONS

ABSTRACT: The present work will address some aspects of the repository that holds one of the largest bibliographic collections on Brazilian indigenous peoples: the Marechal Rondon Library, located in the Museum of the Indian / FUNAI. In recent times, the institution has made efforts for greater availability of its collections in a virtual environment. One of the recent projects

was the creation of the Marechal Rondon Virtual Library.

KEYWORDS: Museum of the Indian, Marechal Rondon Library, Indigenism.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo abordará algumas características do repositório digital da Biblioteca Marechal Rondon localizado no Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (MI/FUNAI). Informações sobre a situação dos povos indígenas ganham importância em um panorama de conflito entre a sociedade envolvente e os povos indígenas, acrescido a um panorama político instável e econômico problemático, resultando em um aumento dos problemas sociais e das tensões enfrentados no campo brasileiro.

Ao se abordar os acervos indígenas depositados e geridos pelo Estado brasileiro, se faz necessário realçar o papel que o Museu do Índio, instituição técnica-científica da FUNAI, tem desempenhado nos últimos anos em promover as culturas e línguas indígenas no Brasil. Sua missão é “atingir o grande público e despertar seu interesse pelas questões indígenas.” (PAULA; GOMES, 1983, p. 10)

A Biblioteca Marechal Rondon tem o início das suas atividades em 1953, ano

de inauguração do Museu do Índio, atualmente localizado na Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo, Rio de Janeiro. Sua missão, enquanto unidade de informação, é a salvaguarda e disseminação de informações de natureza etnológica, sendo um dos setores da instituição que teria o papel de cumprir a missão institucional para qual o Museu do Índio foi criado. Ainda sobre a formação da coleção, é importante informar que: “A Biblioteca foi formada a partir do acervo particular do Marechal Rondon, sendo enriquecida por novas aquisições ao longo dos anos.” (RONDINELLI, 1997, p. 18)

A concepção do Museu do Índio era inovadora para o seu tempo, buscando aproximar as populações que habitavam na cidade a obter um melhor entendimento da realidade indígena. O Marechal Rondon tinha o entendimento que o Museu seria uma “nova instituição [que] daria maior brilho às comemorações do Dia do Índio.” (FREIRE, 2009, p. 113). Já Darcy Ribeiro expunha que:

Outro feito meu muito bonito foi a criação, no Rio de Janeiro, do Museu do Índio, saudado internacionalmente como o primeiro museu voltado, especificamente, contra o preconceito. Montado para desmoralizar e erradicar a ideia de que os índios são violentos e sanguinários, selvagens e brutais, malvados e astuciosos, que são alguns dos estereótipos que a população brasileira comum guarda com respeito a eles. (RIBEIRO, 2010, p. 92)

Quanto ao acervo físico da instituição, em números absolutos dos últimos inventários realizados, o Museu do Índio possui cerca de: 18.026 peças etnográficas, 19.341 publicações bibliográficas nacionais e estrangeiras especializadas em Etnologia indígena e áreas afins, 76.821 registros audiovisuais e, aproximadamente, 500 metros lineares do acervo textual de valor histórico para os povos indígenas e da ação indigenista realizada pelo Estado brasileiro. (MELLO, 2018)

Existe também uma documentação mais recente produzida a partir dos registros no âmbito do Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas (PROGDOC) (2008-2015) desenvolvido pelo Museu do Índio em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e os povos indígenas. E ainda, aquelas produzidas atualmente pelo Programa de Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica. Destarte:

Tanto o Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas (PROGDOC) quanto a Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica são iniciativas do Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O primeiro tinha por função precípua qualificar os povos indígenas como principais parceiros na promoção de seus registros culturais. Sua principal característica era instrumentalizar tais grupos na realização de trabalhos de cunho documentário e gerenciamento de centros de documentação em suas terras indígenas. Esse Programa é marcado pela captura digital de registros culturais pelos próprios indígenas, depois de treinados por meio de oficinas promovidas pelo Museu do Índio. Os documentos produzidos pelo Programa são posteriormente inseridos na documentação do Museu e nos centros de documentação indígena gerenciados pelos próprios indígenas. (MELLO; COUTO, 2017, p. 91)

Os acervos que compõem o Museu do Índio e as informações de natureza etnológica que são disseminadas acabam por refletir a diversidade cultural dos povos indígenas no país. Assim, a documentação de natureza etnológica produzida pelo Estado brasileiro subsidia uma série de ações que venham a contemplar as especificidades culturais assim como demandas de natureza judicial na sedimentação de povos em territórios indígenas do país.

Quanto às últimas demandas, há de se destacar as contendas na criação dos territórios indígenas. Em muitos casos, a documentação produzida sobre os povos indígenas em tempo outrora pode sinalizar para a possibilidade da vitória em tribunais na permanência no território em litígio. Esta afirmação é de suma importância visto que um dos critérios da permanência de grupos indígenas em determinado território é a memorialidade confirmada em função da produção documental que, por definição, possui caráter probatório. (DELMAS, 2010)

2 | METODOLOGIA

A pesquisa realizada se baseou em pesquisa bibliográfica e na experiência adquirida pelo autor por meio de reflexões acadêmicas, no processamento técnico de informações de natureza etnológica, assim como também na aplicação de técnicas arquivísticas e biblioteconômicas no tratamento documental dos acervos da instituição. Deste modo, realçamos algumas particularidades da documentação depositada no Museu do Índio e da experiência na realização de ações de guarda, preservação e disseminação de informações de natureza etnológica no Museu do Índio e dos seus acervos digitais.

3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização da pesquisa aqui apresentada foram utilizados alguns pensadores que realizaram reflexões nos últimos tempos com o objetivo de compreender a natureza do fenômeno informacional etnológico no contexto brasileiro, assim como de outros debates e estudos que tem por fito a compreensão da dinâmica dos povos indígenas e da criação de repositórios virtuais, assim como da ação documentária empreendida.

Os primeiros autores que fundamentam teoricamente este texto são Mello e Souza (2015) que fazem uma discussão sobre a natureza da documentação depositada no Museu do Índio e as especificidades dos povos indígenas. Também são destacadas as particularidades da informação de natureza etnológica que perfazem as peculiaridades que os povos indígenas detêm no contexto da sociedade brasileira. Neste sentido:

As peculiaridades encontradas em cada um dos povos indígenas e, conseqüentemente, nos acervos culturais do Museu do Índio, representam a

diversidade cultural brasileira e a dos próprios povos indígenas. Pela ação realizada hoje na instituição, é possível que muitos povos indígenas possam recontar a sua história, estabelecendo paralelos entre as ações do presente com o passado, construindo assim um futuro melhor para estes povos. (MELLO; SOUZA, 2015, p. 16)

Outro ponto que merece ser elencado se refere ao modo como a informação em museu é produzida. Há uma especificidade deste tipo de surgimento informacional, em comparação com outras instituições de memória, como bibliotecas e arquivos. Portanto, ao se deter a este tipo de constituição da memória, uma problematização específica se faz salutar com o objetivo de compreender a dinâmica informacional produzida. Portanto:

A Informação em Museus situa o encontro entre Ciência da Informação e Museologia, sobretudo e em especial, na informação enfocando, assim, tanto coleções (armazenadas, expostas, representadas e/ou citadas em edições etc.) quanto a elementos e espaços. Ambos se referem às múltiplas disciplinas que se conectam ao campo sob os efeitos das relações quer das aplicações disciplinares, quer da interdisciplinaridade e, ainda, da multidisciplinaridade, expressando tipologias que, de forma geral, caracterizam os múltiplos modos pelos quais se apresentam os museus. É do processo de identificação descritiva a que são submetidas variadas coleções, elementos e espaços, tanto sob o aspecto formal como da relação contextual agregando numerosas fontes de referência, que se originam os catálogos dos acervos museológicos. (LIMA; COSTA, 2007, p. 6)

A problematização sobre as informações produzidas pelo indigenismo oficial do Estado brasileiro é elencada por Maciel (2017) que destaca o valor e o lugar que ocupam os profissionais da informação nas narrativas produzidas pelas práticas indigenistas e da própria política desenvolvida pelo Estado brasileiro ao longo do século XX até os dias de hoje. Importante considerar as consequências e sedimentações das práticas informacionais indigenistas:

Ou seja, é preciso atentar para as operações e mediações que transformaram cadernetas de campo, notas esparsas, fotografias e outros registros necessários ao desempenho das funções da Comissão em “acervos” que “registram” e “contam” uma história e preservam uma dada memória dos indigenismo. Cabe indagar o lugar de oficiais, do próprio Rondon e posteriormente de antropólogos, bibliotecários e museólogos, nesse processo. (MACIEL, 2017, p. 272)

Ao se tratar de informação de natureza etnológica disseminada em museus etnográficos que conta com uma biblioteca especializada no assunto, as particularidades são mais presentes, pois configuram novos desafios na relação sujeito-objeto existentes, ou seja, o usuário que acessa a esses acervos sobre os povos indígenas, digitais ou não, podem ser sujeitos da história da produção documental do tempo presente. Essa relação dialética, a partir da concepção de uma teoria engajada (GADOTTI, 1990), é um componente enriquecedor na qualificação de acervos, pois os mesmos possuem energia e expressividade, visto serem informações em transformação e diálogo permanente com a sociedade e de luta por direitos sociais.

Marchiori (1997) problematiza sobre a conceituação de biblioteca virtual para a compreensão do fenômeno da era digital em repositórios alocados em instituições.

O fomento da virtualização de bibliotecas requer também maiores investimentos e tecnologias de informação e comunicação (TICs). Assim, usuários de diferentes lugares terão a possibilidade de acessar documentos completos, rompendo barreiras físicas de acesso à informação, gerando um processo de aprofundamento da democratização da sociedade e, conseqüentemente, do acesso à informação sobre os povos indígenas brasileiros. Deste modo:

Ou seja, qual é o real alcance que a base de dados adquire quando disponibilizada na rede mundial de computadores? Significa que qualquer interessado sobre os repositórios depositados no Museu do Índio podem ser acessados em qualquer lugar do mundo. Isto representa um campo significativo de possibilidades para que pesquisadores e, principalmente, os próprios povos indígenas possam utilizar informações para a efetivação de direitos e para promover discussões sobre a chamada questão indígena. (MELLO, 2017, p. 37)

Uma estratégia adotada para disponibilidade dos acervos digitais, por meio remoto, foi a partir da instalação da base de dados no Museu do Índio. Deste jeito, os usuários da instituição que tenham por objetivo a busca de informações acerca da temática indígena começaram a se utilizar de modernos instrumentos informacionais, com o uso da *internet*:

A primeira base de dados utilizada no Museu do Índio foi o software brasileiro Ortodocs, implementado no ano de 1996. Inicialmente sua aquisição foi destinada à catalogação e indexação de acervos bibliográficos, iniciando a sua informatização. Com a experiência adquirida na indexação da coleção de livros da Biblioteca Marechal Rondon, iniciativas foram tomadas de modo a expandir a base de dados para os demais acervos institucionais, como os acervos arquivístico e museológico. (MELLO; PIRES; COUTO, 2015, p. 9)

Posteriormente, o Museu do Índio buscando atualizar a base de dados e diminuir custos, realizou a migração de seu sistema de informação. Desta maneira, no ano de 2007, a instituição adotou o PHL - Personal Home Library. Na atualidade, o Museu do Índio tem realizado esforços com o objetivo de concretizar novas ferramentas informacionais, por exemplo, com a futura instalação do *software* livre de código aberto chamado Koha Integrated Library Management System, mais conhecido como Koha. Ainda sobre esta nova ferramenta informacional:

O Koha é um software de licença open source destinado a automatizar as bibliotecas. Para isso, dispõe de uma interface administrativa composta de módulos para catalogação, cadastro de usuários, circulação e ferramentas como inventário, importação de registros em formato ISO, controle de periódicos (kardex) e relatórios. Para o usuário final, dispõe de um OPAC - Online Public Access Catalog onde é possível ver o acervo multicampi e o histórico de circulação e pesquisa, além de permitir a inserção de listas, sugestões, tags e comentários das obras. (FIGUEIREDO; TORQUATO, 2017, p. 149)

As mudanças de sistemas de informações na instituição sempre são positivas quando bem planejadas. As necessidades de informação dos usuários são transmutadas ao longo do tempo e os *softwares* passam por processos de obsolescência ou de aumento de custos, fazendo com que as organizações de memória executem novos caminhos com o objetivo sempre de melhorar o atendimento e o relacionamento com

o público da instituição.

Ainda dentre as estratégias realizadas em disseminar as informações de natureza etnológica, vale citar a criação da Biblioteca Virtual Marechal Rondon no ano de 2017, a partir de uma prestação de serviço de digitalização do acervo bibliográfico e da instalação de um *software* de visualização e pesquisas. Por meio deste novo instrumento de pesquisa, os usuários já podem consultar remotamente diversas coleções de grande importância para e sobre os povos indígenas. Em sequência, será explanada uma conceituação de biblioteca virtual para a compreensão do alcance da tecnologia disponível:

A **biblioteca virtual** é conceitualizada como um tipo de biblioteca que, para existir, depende da tecnologia da realidade virtual. Neste caso, um *software* próprio acoplado a um computador sofisticado reproduz o ambiente de uma biblioteca em duas ou três dimensões, criando então um ambiente de total imersão e interação. (MARCHIORI, 1997, p. 15, grifo nosso)

Os itens bibliográficos da Biblioteca Virtual Marechal Rondon possuem a seguinte estrutura disponível: capa, sumário, introdução, referências e índice. Este trabalho é inovador no que tange a construção de repositórios digitais com acesso ao documento remotamente. Isto porque o usuário poderá da sua casa acessar partes relevantes de qualquer obra que compõe o acervo bibliográfico da instituição. Se antes os usuários tinham a necessidade de vir ao Museu do Índio, muitas vezes vindo de locais de difícil acesso, como das terras indígenas, na atualidade esta barreira espacial foi rompida, visto a realidade impressa pela tecnologia presente.

A partir dos dados obtidos, da experiência no campo da Documentação à luz do referencial teórico utilizado, há de se complexificar sobre a importância que a informação de natureza etnológica possui para os povos indígenas, assim como a disseminação dessas informações são de importância para a garantia do modo de vida e mesmo da sobrevivência de grupos muitas vezes vulneráveis frente ao desenvolvimento econômico nos dias de hoje em curso no país.

Um aspecto a ser abordado quando da problematização da documentação salvaguardada pelo Museu do Índio sobre os povos indígenas é quanto à ação de documentação. Para este intento, é importante a ilustração de uma abordagem clássica, para que se possa entender o porquê da sua existência e sua funcionalidade. Desta maneira:

A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. A Documentação acompanha o documento desde o instante em que êle surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro de leitor. (OTLET, 1964, p. 285-286)

Na hodiernidade, com o processo informacional em curso, como o pautado pelos povos indígenas, se faz necessário explorar a era digital. Os novos modelos informacionais produzidos no âmbito deste cenário ganharam uma velocidade e

dinamicidade única, relevando aspectos de potencialidades para grupos antes excluídos das tecnologias de informação e comunicação. Assim:

Ora, o digital encontra-se no início de sua trajetória. A interconexão mundial de computadores (a extensão do ciberespaço) continua em ritmo acelerado. Discute-se a respeito dos próximos padrões de comunicação multimodal. Tácteis, auditivas, permitindo uma visualização tridimensional interativa, as novas interfaces com o universo dos dados digitais são cada vez mais comuns. (LÉVY, 1999, p. 24)

Por último, as ações atuais de documentação dos povos indígenas realizadas pelo Museu do Índio em parceria com a UNESCO representa um novo patamar no processo de documentação sobre os povos indígenas. Nesta nova empreitada documentária, os povos indígenas se qualificam a partir das ações de registro, com o objetivo de manter repositórios étnicos e o registro de sua cultura, com apoio técnico-científico de instituições que detêm a *expertise* no campo informacional. E com o advento da intitulada era digital, outros elementos importantes na disseminação de tradição das culturas indígenas se fazem presentes, visto que: “A tradição pode ser vivenciada digital e virtualmente por meio do computador, além do contato visual, gestual, auditivo e físico.” (LUVIZOTTO, 2015, p. 15)

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das pesquisas sobre a informação de natureza etnológica consolidada em repositórios estatais, com destaque para aqueles depositados no Museu do Índio, ainda estão em curso visto o desenvolvimento dos projetos de documentação em andamento e da possibilidade de uso das novas ferramentas informacionais. O que se pode depreender das investigações até aqui feitas é que as informações produzidas são de importância para uma melhor compreensão dos povos indígenas, principalmente quanto as suas especificidades culturais, assim como também para a garantia de direitos sociais e dos territórios indígenas ameaçados por projetos econômicos de grande impacto.

Outro ponto também de reflexão quanto às informações aqui em discussão diz respeito às projeções alcançadas quando da digitalização de acervos e da disseminação de informações na rede mundial de computadores. Bibliotecas virtuais criam possibilidades múltiplas no desenvolvimento de práticas documentárias que venham aproximar os sujeitos-objetos da documentação produzida pelo Estado. Ou seja, povos indígenas podem acessar documentos de seu povo e antepassados, reconfigurando o uso da documentação quando do seu tempo.

As bases de dados em uso na instituição e a Biblioteca Virtual Marechal Rondon, à disposição para qualquer interessado sobre a temática indígena, também representa um avanço no processo de democratização do acesso às informações públicas de natureza indigenista. Cabe destacar, conforme já mencionado, que o Museu do Índio realizou uma ação pioneira, ainda nos anos 1990, de disponibilização de informação

em linha na rede mundial de computadores, quando organizações congêneres ainda iniciavam no assunto.

Importante mencionar também que novas empreitadas estão em curso para uma melhoria na gestão dos acervos digitais e do atendimento ao público. Dentre as iniciativas no âmbito informacional, há as discussões realizadas sobre a instalação do Koha, um *software* de automatização de bibliotecas. Mais uma vez, um dos desafios reside na complexidade da informação no âmbito de museus (LIMA; COSTA, 2007) visto que o sistema de informação deverá integrar a coleção bibliográfica, arquivística e museológica, para uma maior dinamização e disseminação dos acervos.

A democratização de informações etnológicas ainda nos anos 1990 pelo Museu do Índio antecipou a discussão que, em tempos atuais, está em voga, como da transparência e não opacidade da informação pública. (JARDIM, 2008). Quando da efetuação da Lei de Acesso à Informação (LAI), no ano de 2011, o Museu já tinha a experiência e ferramentas informacionais para o atendimento das demandas que estavam por vir. Portanto, mais uma vez, a instituição museal dedicada aos povos indígenas se configura como uma instituição de caráter público que tem a responsabilidade de trazer transparência aos seus acervos a quaisquer interessados sobre a temática indígena.

Portanto, por meio de novas iniciativas no âmbito da Documentação, o Museu do Índio cumpre o seu papel de divulgar as culturas indígenas para os próprios povos indígenas e demais interessados. A democratização da informação em curso no país a partir de iniciativas governamentais, como a Lei de Acesso à Informação, está em consonância com as diretrizes executadas no Museu do Índio nos últimos anos. A luta agora é transformar os acervos digitais a disposição em mecanismos de combate pela melhoria das condições de vida dos povos indígenas nas mais diversas localidades do território brasileiro.

REFERÊNCIAS

DASP. **Diretrizes da documentação**. [Brasília, DF?]: DASP, 1964.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Rondon**: a construção do Brasil e a causa indígena. Brasília, DF: Abravideo, 2009.

DELMAS, Bruno. **Arquivos pra quê?** textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; TORQUATO, Lehy Chung Baik. Cenário pós-implantação do software Koha no Colégio Pedro II. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 146-158, jul./dez. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

JARDIM, José Maria. A face oculta do Leviatã: gestão da informação e transparência administrativa.

Revista do Serviço Público, Brasília, DF, v. 59, n. 1, p. 81-92, jan./mar. 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Diana Farjalla Correia; COSTA, Igor Fernando Rodrigues da. Ciência da Informação e Museologia: estudo teórico de termos e conceitos em diferentes contextos – subsídios à linguagem documentária. In: CINFORM, 7., 2000, Salvador. **Anais...** Salvador: Instituto de Ciência da Informação, Escola Politécnica, UFBA, 2007. Não paginado. 1 CD.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. A disseminação da tradição e a preservação da memória coletiva na era digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 14-27, maio 2015.

MACIEL, Laura Antunes. Sobre centenários, memórias e testemunhos da Comissão Rondon: pontos para reflexão. **Projeto História**, São Paulo, v. 58, p. 270-297, jan./mar. 2017.

MARCHIORI, Patricia Zeni. “Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 12-25, 1997.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. A Biblioteca Marechal Rondon e a disseminação de informações de natureza etnológica. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 16, n. 2, p. 29-43, jul./dez. 2017.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. A documentação de natureza etnológica como recurso estratégico para os povos indígenas. **Memória e Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p.[1-14], jan./jun. 2018. No prelo.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de; COUTO, Ione Helena Pereira. A metamorfose da memória indígena no âmbito dos projetos de documentação da UNESCO. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 90-104, ago. 2017.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de; PIRES, Andrea Maia Gonçalves; COUTO, Ione Helena Pereira. A implementação da base de dados do Museu do Índio. In: ENANCIB, 16. 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015. p. 1-17.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de; SOUZA, Rosale de Mattos. As novas configurações político-institucionais do Estado brasileiro: demandas de acesso à informação para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de 2014 a 2015. **RACIn: Revista Analisando em Ciência da Informação**. João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 34-52, jul./dez. 2015.

MUSEU do Índio. **Museu do Índio: 30 anos (1953-1983)**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1983.

OTLET, Paul. Documentos e Documentação. In: DASP. **Diretrizes da documentação**. [Brasília, DF?]: DASP, 1964. p. 285-293.

PAULA, Ruth Wallace de Garcia; GOMES, Jussara Vieira. O Museu do Índio: 1953-1983. In: MUSEU do Índio. **Museu do Índio: 30 anos (1953-1983)**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1983. p. 9-22.

RIBEIRO, Darcy. **Meus índios, minha gente**. Brasília, DF: Fundação Darcy Ribeiro; Editora da UNB, 2010.

RONDINELLI, Rosely Curi (Elaboração e coordenação). **Inventário analítico do arquivo permanente do Museu do Índio – FUNAI**: documentos textuais 1950 a 1994. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1997.

SOBRE A ORGANIZADORA

GUILHERMINA DE MELO TERRA Com Pós-doutorado em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), Doutorado em Museologia, pela mesma Faculdade, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas, Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Católica Dom Bosco e Graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas, Guilhermina Terra é professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas. Lotada no Colegiado de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação, atua tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Membro aderente do MINON Internacional e ICOM-PT, bem como integra dois grupos de pesquisa, sendo um intitulado Grupo de Pesquisa CRISOL - Pesquisas e Estudos Culturais: Patrimônio & Memória, pela Universidade Federal do Maranhão, junto à Linha de Pesquisa Nova Museologia e Ecomuseus e o segundo grupo é intitulado Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação, pela Universidade Federal do Amazonas, sendo que se encontra em tramitação a criação do seu próprio Grupo de Pesquisa. Durante sua trajetória, a professora atuou como coordenadora do primeiro Curso de Especialização em Museologia da região Norte, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, no período de 2006 a 2007, bem como é membro do Conselho Editorial da Revista Analisando em Ciência da Informação – RACIN.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-342-2

